

O papel do coração na medicina chinesa

*Daniel Dei Santi

“Você quebrou meu coração”. “Meu coração é seu”. “Este coração pulsa por você”. Por menos que possa parecer, estas e outras célebres frases enamoradas contêm mais ciência e sabedoria do que romantismo. E a justificativa para esta representação passional pode ser explicada pela Medicina Tradicional Chinesa para a qual o coração vai além de uma bomba sanguínea, mas é entendido como a morada da mente, sendo um catalisador das emoções e da psique.

Para os chineses, o *shen* – palavra que pode ser traduzida por espírito ou alma – aloja-se no coração porque ali está o *habitat* das funções ativas da consciência, abrigando sentimentos, desejos, imaginação, intelecto e memória dos eventos passados. Ao irrigar o corpo por meios dos vasos, o *shen* ganha trânsito livre, levando as energias e vibrações aos demais órgãos. De acordo com seu funcionamento, contribui para a boa saúde ou influencia no mecanismo das doenças. Trata-se de uma maneira plural de pensar o corpo em conexão com a mente.

Cada elemento da natureza, na Medicina Tradicional Chinesa, representa um órgão do corpo em função de suas características. O coração está vinculado ao elemento fogo, enquanto a água designa rins e bexiga; a madeira, o fígado e a vesícula biliar; a terra simboliza baço, pâncreas e estômago e o elemento metal, o pulmão.

Coração em festa

A medicina chinesa também entende que cada uma das cinco grandes emoções se origina em um órgão do corpo, cabendo ao coração ser o receptáculo da alegria. Por isso, quando ouvimos algo como “meu coração está em festa” não necessariamente estamos usando uma metáfora. Em contrapartida, analisando pela visão oriental, o fato de não darmos atenção à prevenção das doenças cardiovasculares, responsáveis por cerca de 30% de todas as mortes no país, com 400 mil óbitos por ano (dados da Sociedade de Cardiologia do Estado de São Paulo – SOCESP), sugere a possibilidade de um desequilíbrio no quesito emocional.

Se a pessoa está deprimida, triste ou apática, sua energia estará em baixa e podemos entender que a capacidade de enfrentar doenças graves, como uma cardiopatia, se manterá reduzida. Ao passo que, quando há equilíbrio emocional – que pode ser buscado na fé, inclusive – existe um elemento a mais na forma de enfrentamento de doenças, que irá refletir no sistema nervoso e hormonal e tudo tende a fluir melhor.

Já o medo está vinculado aos rins, a tristeza ao pulmão, a preocupação ao baço e a raiva ao fígado. Estas emoções são passíveis de afetarem o funcionamento psíquico e dos demais órgãos, fazendo com que surjam síndromes e patologias quando há desarmonia. Só conseguimos entrar em harmonia física e mental quando os órgãos – e suas respectivas emoções, influenciadas por elementos da natureza – se equilibram.

Não por acaso, a definição de saúde da OMS é um estado de completo bem-estar físico, mental, social e espiritual. Mas, mesmo sendo está uma máxima para todas as formas de medicina praticadas no mundo, a ocidental ainda fragmenta o ser humano na hora

de tratá-lo, valorizando o plano físico, em detrimento dos demais, ministrando tratamentos específicos para determinado sintoma ou órgão, ao encontrar resultados fora do que se estabeleceu como padrão geral. Quando não encontramos as causas das doenças em exames, por mais tecnológicos e sofisticados que sejam, pode ser que a resposta não venha por meio de métodos com os quais estamos tão acostumados em nossa prática clínica.

Apesar de a medicina ocidental também considerar o funcionamento do corpo humano como sistemas interligados, o raciocínio lógico dos chineses – que para nós pode parecer estranho – justifica a origem das doenças na desarmonia e no desbalanço global do sistema, em todas as suas dimensões de complexidade, considerando a possibilidade de que a doença que se manifesta no coração, por exemplo, pode ter começado em uma emoção.

Cuidados paliativos

O termo *paliativo* é derivado da palavra latina *pallium*, como era conhecido o manto que os cavaleiros medievais usavam para se proteger das tempestades. Em medicina, quando falamos em cuidados paliativos, também estamos nos referindo a uma forma de proteção, com o objetivo amenizar a dor e o sofrimento, sejam eles de origem física, psicológica, social ou espiritual.

A expansão da área de cuidados paliativos como especialidade médica pode significar um importante elo entre a medicina ocidental e a oriental, uma vez que o cuidado multidimensional está em consonância com a maneira com que os profissionais de saúde praticam a Medicina Tradicional Chinesa, sempre considerando o lado emocional dos pacientes. A acupuntura, por exemplo, é uma das técnicas da cultura chinesa, já incorporada como prática em cuidados paliativos.

É fato que a medicina ocidental, há algum tempo, já caminha para um entendimento mais dialético entre corpo e mente: a medicina pragmática tende a abrir espaço para a espiritualidade e para uma visão mais integrativa dos pacientes. Hoje já se considera cientificamente que emoções têm relação com doenças do aparelho digestivo, como a doença de Crohn, e até doenças de pele, como a psoríase.

Ao olharmos para o indivíduo de maneira global, compreendendo que a verdadeira causa das doenças pode estar além do óbvio, não só ampliamos as chances de tratamento, como abrimos mais portas para ações preventivas que trabalhem para o equilíbrio saudável do ser humano, e tragam bem-estar e qualidade de vida.

**Daniel Dei Santi é cardiologista e integra o grupo de estudos de Cuidados Paliativos da SOCESP (Sociedade de Cardiologia do Estado de São Paulo).*

Fonte: Veja Saúde

** Por Daniel Dei Santi, cardiologista*

** Atualizado em 30 out 2021, 11h06 - Publicado em 30 out 2021, 11h05*